

## **Identificação de um filme: sobre *Sangue do Meu Sangue***

**Por Daniel Ribas**

INTRO. João Canijo é um dos cineastas mais importantes da actual geração do cinema português, a par de autores como Pedro Costa, Teresa Villaverde ou João Pedro Rodrigues. Os seus primeiros filmes datam da década de 80 (“Três Menos Eu”, 1987; “Filha da Mãe”, 1989) e representaram, nesses tempos, um sinal de uma renovação geracional do cinema feito em Portugal. No entanto, depois de um interregno de vários anos (momento em que tem um trabalho intenso em televisão), o regresso do autor, no final dos anos 90, marca a fase decisiva da sua carreira.

Esta fase é composta por quatro longas-metragens (“Sapatos Pretos”, 1998; “Ganhar a Vida”, 2001; “Noite Escura”, 2004; e “Mal Nascida”, 2007) e um documentário (“Fantasia Lusitana”, 2010) e permitiu, ao autor, um aplauso crítico em Portugal e uma grande actividade nos principais festivais de cinema (incluindo Cannes ou Veneza). Ao longo destes anos a sua posição no cinema de autor português tem sido, por isso, cada vez mais influente.

O cinema de João Canijo é atravessado por três elementos principais: uma tentativa de analisar a identidade nacional (com vários elementos cruzados, mas de que se destaca uma desconstrução da ideologia salazarista prevalente); o trabalho narrativo das suas histórias (com pontos de contacto com a tragédia grega em alguns deles); e a sua abordagem realista (que atinge momentos hiper-realistas). A ligação estrutural destes elementos é protagonizada, nestes filmes, pela violência física e psicológica. Também importante é o processo de trabalho do realizador, num misto de ensaio e improvisação com os actores, método que tem sido aperfeiçoado ao longo do tempo.

“Sangue do Meu Sangue” (1) surge portanto, neste contexto, como a súmula de um trabalho intenso, dedicado e explosivo de um cineasta

inteligente, culto, que cita abundantemente clássicos gregos e a arte moderna e que tem uma visão muito pessimista do momento contemporâneo do mundo português. O filme tem já uma carreira notável – com presença nos festivais de Toronto, San Sebastian, Busan e Rio de Janeiro – e tem sido aplaudido, criticamente, de forma entusiástica nas principais publicações nacionais.

TEMPO. O cinema é uma arte do tempo: de uma narrativa, uma história de personagens ao longo de um tempo narrativo. Ao longo de um plano ou de um movimento de câmara. “Sangue do Meu Sangue” é um filme sobre o tempo, sobre os interstícios do tempo, do que se passa dentro da vida. É um filme que se estica, que deixa a cena acontecer na plenitude da sua glória. É um filme de cenas (e, por isso, é um filme de actores).

Quanto, no início do filme, Márcia (a personagem protagonizada por Rita Blanco) chega a casa, a cena estica-se, demora-se. Por vezes parece excessivo, mas entendemos rapidamente que este será o tempo do filme: uma longa acção, poucos planos, poucos movimentos de câmara. A cena transforma-se, os actores ganham espessura e aquele jantar torna-se o ícone do mundo em que estamos a entrar. Torna-se aquilo que estamos a ver e tudo aquilo que podemos inferir, pressupor, imaginar. (A propósito: as cenas de jantar em família são uma constante em Canijo: veja-se a cena antológica em “Mal Nascida”, em que o padrasto obriga a filha a ser pedida em casamento; ou a forma como no interior de uma casa de alterne, em “Noite Escura”, todas as personagens vivem também na cozinha).

“Sangue do Meu Sangue” é, nesse sentido, muito diferente dos outros filmes de João Canijo. Por causa do tempo. Em “Noite Escura” ou “Mal Nascida”, a narrativa concentrava-se claustrofobicamente e a câmara movia-se mais livremente. Se formos ainda mais atrás, “Sapatos Pretos” ou “Ganhar a Vida” viviam de uma obsessão pela fragmentação, com uma cinematografia carregadíssima, negra, escura e víamos os personagens sob o prisma dessa explosão interior. Pela sujidade do grão da imagem ou pelos constantes *jump cuts*. Nesse sentido, também é importante estabelecer uma relação com “Mal Nascida”, que diríamos ser o protótipo de “Sangue do Meu Sangue”: pelo início da recusa do excesso de cor ou pela câmara, que

se torna mais lenta e com planos mais longos; ou pela utilização de uma estética mais rude e simples.

Por isso, em "Sangue do Meu Sangue", o tempo é outro. É demorado, quase gracioso e ao mesmo tempo é múltiplo. A densidade das diferentes narrativas faz do filme, por isso, um projecto maior, mais ambicioso, mais obsessivo. Nos outros filmes também havia fios narrativos para além da estrutura principal, mas em "Sangue do Meu Sangue" essa explosão narrativa é plenamente concretizada e entramos numa teia narrativa contemporânea.

LINGUAGEM. "Sangue do Meu Sangue" é um filme de actores. É-o por causa das suas imensas qualidades e por causa de um método de preparação e invenção criativa do filme: o método Canijo, de ensaios longos com os actores, que constroem com o realizador as cenas que compõem o filme. Uma estratégia semelhante a John Cassavettes (e a quem o realizador, mais do que uma vez, prestou tributo), e que Canijo sabe manipular com precisão (é interessante ver em "Trabalho de Actriz, Trabalho de Actor" – documentário-irmão de "Sangue do Meu Sangue", uma espécie de *making of* anterior à rodagem – a voz do realizador, em fora de campo, a influenciar a personalidade e a história das personagens).

Este método ressalta uma condição fundamental da comunicação humana: a linguagem. Toda a estrutura narrativa se condensa, se constrói, se altera pela linguagem. Dir-se-ia que estamos muito perto da tradição dramaturgical do teatro e da sua consagração da palavra. É um regresso a Aristóteles, aos princípios básicos do drama. Canijo citando Aristóteles: "As palavras faladas são sinais das expressões e dos afectos da alma". É pois o resultado de uma aprendizagem profunda dos clássicos gregos, antes realizada através de adaptações ("Ifigénia em Áulis" para "Noite Escura"; "Electra" para "Mal Nascida"), agora integrada no sistema de representação. A linguagem, em "Sangue do Meu Sangue", é quem governa a narrativa e, por isso, lhe dá toda a espessura necessária. A linguagem é um *traço*, algo que nos coloca num mundo desordenado, numa cacofonia onde ninguém parece ouvir ninguém. A linguagem destes diálogos estabelece um confronto entre as personagens, deixadas à sua sorte num universo caótico. "Sangue do Meu Sangue" é um filme onde a fragmentação acontece na

linguagem. Uma identidade procurada pela linguagem (os diálogos) e nunca encontrada (ou encontrada em excesso).

Uma das marcas deste filme são os seus diálogos simultâneos ou o ruído incessante que é paralelo a eles. Mais uma vez, a precisão é realista; e é parente de outros filmes do realizador, notavelmente "Noite Escura", onde a narrativa principal era contaminada pelas falas das prostitutas e dos seus clientes. (2) Em "Sangue do Meu Sangue", estes combates verbais vão mais longe porque são quase omnipresentes e são, de facto, a fundamentação da multi-linearidade narrativa. Permitem a explosão de sentidos para além da superfície narrativa.

REPRESENTAÇÃO. "Sangue do Meu Sangue" é, por isso, um filme sobre o mundo como representação. É sobre a ilusão (uma fantasia) da identidade pessoal, e a absoluta e triste constatação que este nosso mundo nos abandonou. As imagens que acompanham os créditos finais são o sinal mais aterrador disso: a câmara retrocede, sai da sua historinha particular e mostra-nos a geografia urbana e caótica da mancha suburbana. É o lugar da total desterritorialização. É o desvendar de um mundo anónimo.

Toda a construção cinematográfica de "Sangue do Meu Sangue" concorre para um realismo da imagem e do som. A câmara, muito mais circunspecta e estável que em todos os outros filmes de Canijo (se exceptuarmos a curta-metragem e experiência reveladora de "Mãe Há Só Uma", 2007), revela essa predisposição para aceitar um mundo como ilusão (diria mesmo que em "Sangue do Meu Sangue" há, muitas vezes, ecos de Pedro Costa e da sua Vanda na forma como a câmara é colocada e aberta ao mundo). A fotografia, cristalina, devolve-nos o olhar naturalista que outrora (nos outros filmes) fora hiper-realista.

VIOLÊNCIA. A constante inconstância da identidade – a forma como os personagens estão num limbo escuro – provoca, necessariamente, um choque: a violência. Como em todos os outros filmes do realizador, a explosão deste mundo ilusório dá-se pela violência. Contudo, note-se, esta violência não é apenas composta pelas cenas-choque (violação da mulher em "Sapatos Pretos"; cena de tiroteio em "Noite Escura"; a morte do padrasto e da mãe em "Mal Nascida"; a violação final em "Sangue do Meu

Sangue”) que todos estes filmes pressupõem. Está antes de tudo, na linguagem, na forma como as personagens falam umas com as outras. Está na forma como, de um momento para o outro, as relações entre as pessoas deixam de ser possíveis, mesmo que elas continuem a viver lado-a-lado.

“Sangue do Meu Sangue” é, sim, um filme sobre um país. Mas não parece que seja no sentido mais unilateral de um *retrato*. É antes uma aproximação sobre um choque, sobre uma constatação de uma sociedade – para usar a expressão de Boaventura de Sousa Santos – semi-periférica. É um filme sobre formas de viver numa sociedade contemporânea, numa geografia caótica do suburbano. Em diferentes momentos da sua filmografia, Canijo procurou esta aproximação: Sines, em “Sapatos Pretos”; um *bidonville* de Paris, em “Ganhar a Vida”; até mesmo a casa de alterne, de “Noite Escura”.

FAMÍLIA. Curiosamente, há um elemento que parece tornar-se interior às narrativas de Canijo, envolvendo-se com elas de forma a plasmar, como um duplo, o que acontece nas narrativas principais do filmes (e, para além de “Sangue do Meu Sangue”, podem ser aqui chamados “Mal Nascida”, “Ganhar a Vida” ou “Sapatos Pretos”): a televisão. Esse olhar-espelho, que em “Sangue do Meu Sangue” é tão importante, explora a máxima ilusão identitária do português (é o futebol; é a telenovela; é o telejornal). Canijo parece dizer, com esse ruído insuportável, que Portugal não existe, porque precisamente quer sempre existir.

A televisão é também o ícone sociológico da família contemporânea: em “Sangue do Meu Sangue” a família vive com o som da televisão (e o som do bairro) e reflectem-se mutuamente, sobretudo numa terna ilusão da paixão e de um futuro (a televisão é o palco da *felicidade*, o palco da paixão arrebatadora) (3). No entanto, a família de João Canijo é uma família traumática, em destruição lenta, mesmo na narrativa anterior ao filme.

A estrutura narrativa à volta da família é o tema obsessivo da obra do realizador, com especial incidência nas famílias totalmente em implosão desde “Sapatos Pretos”. A família é o lugar de todos os grandes amores mas também onde ocorrem as piores violências sistemáticas. A família é o lugar dos extremos, onde tudo pode acontecer. E a família é, aqui, o ponto de ligação nevrálgico com a crise da identidade. Enquanto núcleo central de

organização discursiva – elemento primordial da identidade nacional salazarista – a família viveu a ilusão de estandarte moral da sociedade. O programa de Canijo expõe à evidência como a família pode ser também o lugar da destruição. O símbolo da crise da identidade.

Essa crise é reforçada pela constante importância da mulher em todos os filmes do realizador. Desde “Sapatos Pretos”, que a personagem feminina (4) tenta romper uma “normalidade” masculina e patriarcal, mas as suas acções são sistematicamente destruídas ou esvaziadas pela ausência de futuro. Em “Sangue do Meu Sangue” essa importância é tremenda, já que é a mulher que sofre todas as violências e é a mulher que luta incessantemente pelas vidas dos outros. Apesar da forma como é vista – como diz Ivete (Anabela Moreira) – “só para foder”.

THE END. “Sangue do Meu Sangue” é filme repleto de sentidos. Aproxima-se da obra central do realizador, mas parece também querer afastar-se. Concretiza um método e acaba também por insistir nas obsessões de Canijo. É um filme-programa: um espelho de um certo país que normalmente se gosta de *retratar* de outras formas.

(1) Este texto reporta-se à versão curta (de 139 minutos), de “Sangue do Meu Sangue). Existe outra versão com 190 minutos.

(2) “Noite Escura” tem também uma versão longa, em que estes diálogos paralelos ganham espessura narrativa. A versão curta, que saiu em sala, tem cerca de 94 minutos; mas existe outra versão que terá perto de 120 minutos.

(3) Como diz Luís Miguel Oliveira, no Público: “a ironia com que Canijo usa o «clube de Portugal»: a primeira cena tem o som do primeiro jogo da selecção no Mundial 2010, e durante a humilhação final de Ivete acontece o golo da Espanha que acabou com o que eram, em linguagem televisiva, as «esperanças portuguesas»”.

(4) Nomeemos as personagens: Dalila, em “Sapatos Pretos”; Cidália, em “Ganhar a Vida”; Carla, em “Noite Escura”; Lúcia, em “Mal Nascida”.